

## ARTE E EDUCAÇÃO: POR OUTRA MANEIRA DE SER E ESTAR NA ESCOLA.

Márcia Pereira da Silva<sup>1</sup>

Universidade Federal Rio Grande. [marciacoracoralina@yahoo.com.br](mailto:marciacoracoralina@yahoo.com.br)

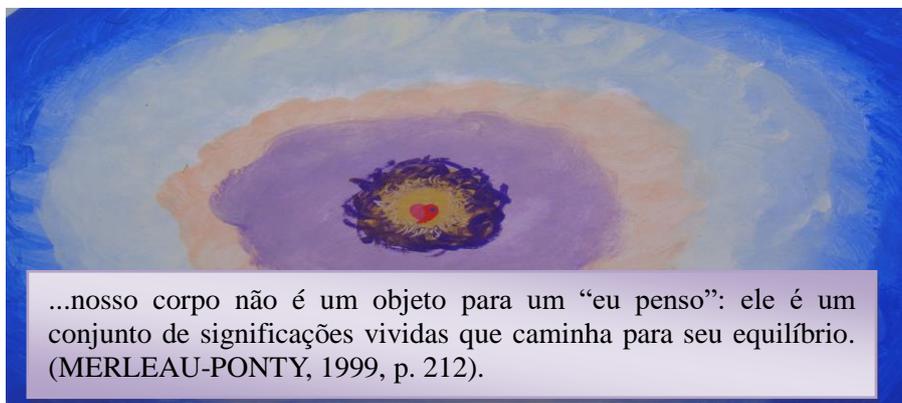
Patrícia Feijó Evangelista Winck.<sup>2</sup>

Faculdade Corporativa CESPI. [patriciawinck@gmail.com](mailto:patriciawinck@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo objetiva pensar outras possibilidades de educação que prezem pela arte como ponto de partida e centralidade para outras maneiras de estar e ser na escola e com a escola. Partindo da Fenomenologia de Merleau-Ponty e sua crítica ao pensamento de sobrevoos que desconsidera o ser em sua subjetividade, este texto abre um horizonte de discussão para pensar a arte como espaço de manifestação das subjetividades e como possibilidade para uma escola com mais espaços para criar, co-criar e re-criar, ser, manifestar-se, partilhar e conviver coletivamente, pensando em seu crescimento pessoal e em vivenciar a arte na sua relação com o eu interno externo, por inteiro e, o eu-outro, resgatando nesse espaço-tempo a possibilidade de trocas significativas com as diferenças, aonde a arte passa a ser esse instrumento possível e sensível, para alcançar essa meta. É de forma contínua e cotidiana, integral e integrada ao currículo, que as conquistas e ganhos pessoais na sua inteireza, irão refletir-se no conviver, sintetizadas nessas transformações resultantes em vivenciar esta arte nos moldes da Arteterapia, de forma livre e criativa, num ambiente acolhedor.

**Palavras-chave:** Educação; Currículo; Sensível; Arte; Partilha.

### 1. Ser e Arte uma conexão inspiradora



Para pensar a arte como centralidade e abertura para um currículo de transversalidades escolhemos pensar a arte, o sensível, partir das lentes de Merleau-Ponty, com objetivo de estabelecermos uma abertura para repensar nossos currículos, uma vez que, compreendemos a

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Ambiental pela FURG. Mestre em Educação pela UNIVALI. Parapsicóloga e Psicopedagoga Clínica. Integrante do GEFEAP. Grupo de Estudos de Fundamentos de Educação Ambiental e Popular. Bolsista CAPES. E-mail: [marciacoracoralina@yahoo.com.br](mailto:marciacoracoralina@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Especialista em Arteterapia pela FACESPI. Formada em Direito pela UFSC. Arteterapeuta integrante da ACAT 045/0313. Acompanhamento psicoterapêutico individual e grupos. Membro Internacional do The Nora Cavaco Institute – International Center of Neuropsychology & Autism. Atendimento clínico especializado no Transtorno do Espectro Autístico. Facilitadora em Arteterapia em Formação Continuada para docência. E-mail: [patriciawinck@gmail.com](mailto:patriciawinck@gmail.com).

arte e todas as suas variações como fenda para experienciarmos o sensível, como uma possibilidade para repensarmos nossas escolas, nossas maneiras de convivermos uns com os outros. Uma educação pensada a partir da compreensão de Merleau-Ponty pode ser compreendida como uma trama de sentimentos, sensações, de maneira que já não seja possível pensar em educação de maneira dicotômica, mas integrativa, onde não há separação entre corpo e pensamento, mais enquanto experiência, como um acontecimento do ser. Uma educação que permita ao ser encontra-se com um mundo de significações, de possibilidades integrativas, onde a arte é condutora de um ser que se mostra por inteiro, que canta, dança, faz poesia, e se permite viver e conhecer numa mesma dinâmica, sem privilegiar uns ou outros aspectos educativos inseparáveis, quais sejam: ser-saber-conviver. Mas a que espaços educativos nos referimos?

Pensamos numa escola como um espaço-tempo de convivências, de encontros consigo e com o outro, onde o currículo, a gestão e o espaço físico dialoguem com a arte, com o cuidado, que não considere os saberes desconectados das vivências. Pensar num espaço escolar centrado nas artes significa pensar em possibilidades de ressignificações curriculares que permitam aulas-oficinas de diversas artes como interligação de todas as áreas dos saberes.

Por certo este é um desafio que nos coloca diante da necessidade de fundamentarmos nossa ação educativa nas filosofias e nas artes como mediadoras para uma outra educação possível.

## **2 – Reflexões sobre a arte em Merleau-Ponty: uma fenda para uma escola como espaço de transversalidades, subjetividades e criatividades.**



Tudo que vivemos é permeado pelo sentido, este que nos mantém conectados ao viver, mas esta ideia de um sentido ao vivido vem sendo construída historicamente, uma vez

que, pensar o corpo e a alma em separados, e por consequência, o sentido dado ao vivido, acompanha nossa humanidade a muito tempo, de forma que é uma ideia do pensar filosófico moderno, inaugurado em Descartes, passando por Kant e chegando até Husserl. Esta separação nos presenteou com uma dicotomia difícil de ser ao menos sua vida, e, obviamente, a encontramos, ainda que, em resquícios em nossos currículos, limitando e moldando nossas vivências escolares, relegando aos porões as inúmeras manifestações da subjetividade. Esta ideia separatista Merleau-Ponty denomina de ‘O pensamento de sobrevoos’, este que quantifica dificultando compreensões a cerca do ser enquanto ser como todo, em sua Fenomenologia o pensamento de sobrevoos é o pensamento que quantifica o olhar para ser em fragmentos e superficialmente. Por isso a filosofia e a ciência conceberam o pensamento como um ato de sobrevoos da realidade pelo qual todos os seres podem ser determinados. Por isso a filosofia e a ciência se tornam o projeto de posse intelectual do mundo. O mundo é personificado pelas representações que são construídas por este sujeito do conhecimento. Merleau-Ponty se opõe a esta tradição, e esta herança, a esta cisão: Subjetividade X Objetividade.

A crítica do filósofo em relação a este projeto é o abandono desta cisão, e que a ciência e a filosofia não são a fonte do sentido das coisas, por que não existe um ponto de partida absoluto do pensamento, mas um solo originário, uma inerência dos humanos no mundo e que a filosofia não é uma afirmação, mas uma interrogação.

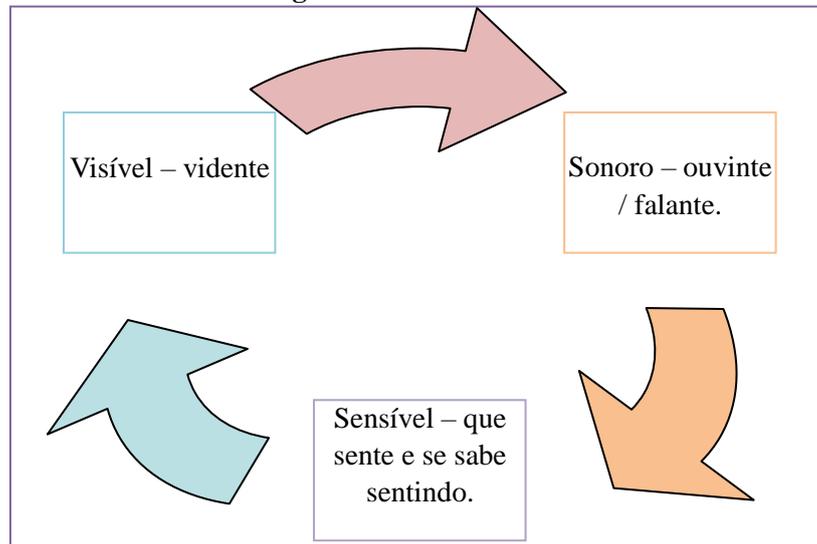
...não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos... O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. Merleau-Ponty (1945/1999, p. 13-14).

Não somos pensamento puro porque estamos num corpo e não somos corpo porque somos seres temporais, somos seres culturais. A realidade é este estar e conviver com o outro no mundo, a realidade que chamamos SER – e o cruzamento entre o sensível – inteligível / material e o ideal / natural e cultural / qualitativo – quantitativo, e que nos permite este comunicar-se com o inesgotável mundo que nos cerca e do qual somos parte.

O ser é uma rede de diferenças entre o qualitativo e o quantitativo e é esta rede de relações que constitui a realidade toda. Interessa-nos este pensar uma vez que nos permite a compreensão do todo, mas especialmente, porque este pensar Merleau-Ponty nos abre miríades de possibilidades de interação com o outro, de forma que toco e sou tocado, posso ser ouvido e ouvir, ouvir-se e se fazer ouvir – Será isso o corpo que é nosso?

Meu corpo é um ser visível em meio a outros seres. Mas sou o visível para mim mesmo, mas sou também invisível, não é uma máquina, não é feixe de ossos; meu corpo é, neste horizonte, meu modo de ser e estar no mundo. Este paradoxal de ser ao mesmo tempo;

**Figura 1: O Ser**



Fonte: Elaborado pelas autoras

A capacidade do voltar-se a si mesmo é este paradoxal, esta capacidade de se sentir ao sentir, esta reflexão não é privilégio da consciência, mas é o ato natural do nosso corpo, é com o corpo que a consciência aprende a reflexão. O corpo realiza uma reflexão. Ao recusar a cisão entre copo-consciência / de humano-mundo, Merleau-Ponty parte em busca de uma nova ontologia como uma experiência criadora, que vem se exprimir de maneira evidente em sua obra: VISÍVEL E INVISÍVEL. Nesta obra ele reúne a filosofia e a arte constituindo-as como meio de contato com o ser, 'o ser é o que exige de nós criação para que deste tenhamos experiência. Filosofia e artes juntas não são fabricações arbitrárias...' (MERLEUA-PONTY, 1992.p.248).

Este criar, esta criação possibilita ao ser a experiência, nunca arbitrária, sempre única por ser permeada por todas as nuances deste ser incompleto, inacabado que se (Re) inventa a cada ato criativo, não seria esta uma abertura para um pensar educacional que dialogue com o todo? Não seria este talvez um movimento do ser que fala, que cala, que sonha?

Este movimento de fala-silêncio, linguagem-fala, permite que o ser possa vir a ser, de maneira que, 'para que o Ser do visível venha à visibilidade, solicita o trabalho do pintor; para que o Ser da linguagem venha à expressão, pede o trabalho do escritor, para que ao Ser do pensamento venha à inteligibilidade, exige o trabalho do filósofo' (CHAUI, 2002, p. 152).

O escritor quebra o silêncio, o pintor desvenda o invisível, o pensador interroga o inesperado. Eles realizam um trabalho que no qual vem exprimir-se numa intenção de pertencimento, de uma intenção e um gesto inseparáveis que só se realiza porque o ser sai de si e se manifesta numa obra, numa criação, numa outra ontologia.

Por que criação? Porque para ter contato com o ser ele solicita o trabalho do pintor, o ser da linguagem venha à inteligibilidade, evoca o que é o visível, a linguagem, o pensamento, precisamos do criador (escritor, pintor, pensador).

A primeira fala não se estabeleceu num vazio de comunicação porque ela emergia das condutas que já eram comuns e se enraizava num mundo sensível que já havia cessado de ser mundo privado [...]. Esse mundo sensível é o logos do mundo estético. (MERLEAU-PONTY, 1969/2002, p. 65)

É pura diferença interna de que o sensível, a linguagem são entre cruzadas. Como por exemplo, uma cor não mata o colorido, uma cor é pura diferença de outra, é por diferença entre signos e sons que existe uma língua. O impensável permite a existência do pensável, pelo trabalho do pensador, como criação, isso significa dizer que a criação conduz a experiência.

O ser é este fundo invisível que sustenta o visível, é o silêncio que se torna dizível na palavra do escritor, do poeta. Para ter experiência do dizível pensável é preciso acontecer o ato de criação. A experiência da visão é o ato de ver. A profundidade é o visível do invisível que nos permite ver. O silêncio é o que sustenta o dizível. Entre cada palavra de uma fala habita um silêncio, uma vaga silenciosa entre uma e outra que permite ao outro a compreensão do que digo numa frase. Deste horizonte compreendemos que as coisas, as criações, estão e são constituídas por significações, por uma interioridade que se exterioriza, que faz e cria sentido. Elas e nós, participamos da mesma carne do mundo. Nós e as coisas nos comunicamos porque somos feitos do mesmo estofamento carnal. A criação é uma divisão que se dá no interior do invisível.

Nestas experiências da pintura, da música, da literatura, da filosofia observamos e convivemos com a interioridade do ser, ou ao menos temos notícia deste, ou seja, no interior do mundo sensível, um sensível (sou eu) se põe a ver, a dizer outro sensível e, daí, surge outro sensível, isso é o que as artes dialogam com a filosofia e que ambas tem a contribuir com a educação.

Um olhar para prática pedagógica que permita através do sensível, da arte, do pensar filosófico, abrem possibilidades para uma educação onde o ser possa manifestar-se em sua

inteireza, como um ser que esta sempre sendo, nunca pronto. Sobretudo, o que propomos com este diálogo entre a arte, a filosofia e a educação, é um olhar mais concentrado e incluyente de todos e todas, cada um com sua especificidade, seu tempo-espaço de aprendizagem, sua potencialidade, ou seja, uma inclusão plena, que se (Re) inscreve em cada ação pedagógica que realiza e compartilha.

### **3. Inclusão plena, o ser, na roda e na arte. O tudo ou nada, do potencial de ação.**



O pintor celebra o mistério entre o mundo sensível e as coisas. As coisas são famílias de cores, formas... As coisas se entrelaçam e se cruzam numa troca incessante. As diferenças são assim constituintes de um tecido consistente. Cada cor é por si uma, mas se entrelaçam em outra sem deixar de ser, este sendo, lhe permite formar-se, constituir-se na família das cores, em um movimento de troca infundável, este entrelaçamento é por assim dizer, o mundo.

Neste sentido pensar uma educação que respeita e acolhe é também inevitavelmente refletir sobre algumas questões fundantes: Que escola desejamos? Que realidade de família e de sociedade que nos esta a constituir? Que porões escondem os silêncios de nossas crianças?

As crianças de hoje não possuem muito mais espaço para serem crianças, e, por isso responder a estas e outras tantas questões, tornasse algo complexo, mas, ao mesmo tempo necessária para que possamos pensar em outra direção pedagógica, menos impositiva, mais dialogada, mediada, vivida. As residências cada vez menores e menos utilizadas, fazem com que o dia perpasse pela escola, creche, casa dos avós, ou, como for possível, dentro de seus restritos metros quadrados, de forma que as crianças de hoje não possuem muito mais espaço para serem crianças e as famílias não possuem espaço para uma boa conversa, para sentar sem seus eletrônicos e simplesmente dedicarem um tempo a ouvirem-se e serem ouvidos. Estamos cada vez mais distantes uns dos outros, separados.

Neste distanciamento perdemos em conhecimento de si e do outro, que conosco convive, e ganhamos, não como algo positivo, um número cada vez maior de dificuldades de aprendizagem e de convivência, uma vez que lutamos com todas as nossas energias para mantermos longe nossas emoções, sentimentos inconscientes e sensações, nos desumanizamos.

Segundo GAMBINI in SCOZ(2000)

...uma conversa irrigada pela qualidade do conteúdo inconsciente que veio à tona sempre faz sentido e é genuína. A observação desse fato, portanto, permite-nos pensar que a matriz do conhecimento está localizada no inconsciente. (GAMBINI in SCOZ, 2000. p. 106)

É preciso que o lúdico, a imaginação e o criativo estejam presentes, estimulando as relações vividas não só no racional e lógico, mas, nos sentimentos, nas sensações, no corpo e na alma. As rotinas cada vez mais aceleradas, tornam a vida automatizada e sem cor. O contato com o sensível está passando despercebido. A dureza e o distanciamento das relações, a falta de tempo para o outro e, principalmente, para si mesmo, está enrijecendo o ser humano.

Não há mais espaço para o eu interno, o eu que precisa aprender a ser: dedicado, querido, companheiro, autônomo, comprometido, amigo, próximo, empático, sensível, altero, honesto, leal, próspero, confiante, corajoso, percebido, reconhecido, incluído e, principalmente feliz. Neste sentido, concordamos com Merleau-Ponty ‘que redescobrir esse mundo em que vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer’ (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 2) pode representar uma possibilidade de estimular as relações vividas em nossas casas, em nossas escolas, mas, sobretudo nos despertar para o sensível, para as artes.

Temos um lindo alfabeto de predicados, virtudes e valores para permitirmos as nossas crianças serem em sua essência, despertarem para o outro e para um mundo mais amoroso e pleno.

Deste horizonte acreditamos que a escola pode constituir-se como um espaço-tempo onde às crianças encontram a possibilidade de descobrir e descobrir-se, de conhecer e conhecer-se, de encontrar a si mesma e ao outro de forma que possam encontrar espaço para ser feliz. Um caminho possível seria repensar nossos espaços escolares, nossos currículos e nossas gestões, pensando numa escola que permita o ser, o sentir sem tanta rigidez de disciplinas desconectadas entre si e desconectadas do mundo vivido pela criança.

Compreendemos este repensar o espaço escolar como um abrir espaço para momentos de aulas-oficinas de artes, especialmente de Arteterapia, por acreditarmos que com

a roda e a arte o visível da pintura, da dança, do desenho e de todas as outras tantas manifestações artísticas dialogam com nosso ser que se esconde e que deseja estar invisível, mas que, ao manifestar-se, encontra na partilha de si o outro, que com ele se encontra.

A arte pelos sentidos, a arte que inspira, permite, cuida, acolhe, aceita, inclui, zela e que faz. Essa arte que inspira criar, permite expressar, acolher o que foi criado, cuidar do que foi expresso, zelar por esse cuidado, fazer acontecer o sensível e torná-lo real. Basta uma roda, um pequeno gesto, e um grande movimento para ser visível. Incluir a arte, o eu e o outro, o afeto, a emoção, o sentimento, a diferença, é então, o que denominamos de inclusão plena.

(Segundo CAVACO, 2017), (informação verbal) <sup>3</sup> “inclusão é aceitação, esta nas pessoas, esta em nós mesmos.”, e equivale a uma atitude. A atitude de aceitar e estar roda, na escola e na vida, aceitando a si mesmo e o outro, como é e até mesmo, como vem a ser.

A pleno, segundo FERREIRA (1986, p. 1347) é ser “[...] completo, inteiro,” e que corrobora com a forma de ser na roda, sem cisões, sem separações, na sua inteireza, na sua totalidade e unicidade.

Para fazer gerar esse grande movimento inclusivo, sensível e capaz de recriar um novo momento para cada ser, será necessários estímulos, que aqui vem a ser a arte e o corpo. Uma Arte livre, genuína, espontânea, autêntica, emocionante e criativa, a verdadeira expressão das intensidades emocionais de cada ser, advindas do olhar da Arteterapia.

Para VALLADARES in ORMEZZANO, Arteterapia é uma prática terapêutica que objetiva resgatar não só a dimensão integral do homem, mas também seus processos de autoconhecimento e de transformação pessoal. (VALLADARES in ORMEZZANO, 2005, p.15). A Arteterapia, esta que é um meio pelo qual, cada pessoa, expressa o que deseja, vivenciando suas emoções, sentimentos e atitudes, proporcionando, dessa forma, um novo olhar para si, adquirindo mais equilíbrio em seu desenvolvimento e trazendo mais harmonia para sua vida.

E um corpo que dança, brinca, gesticula, imita, anda, corre e para, vem e vai, entra e sai, gerando assim, a energia capaz da conexão necessária para todos os que a ela pertencem. O movimento da Arteterapia permite ao ser que seu olhar realize uma releitura do mundo vivido, como nos salienta Merleau-Ponty, ‘Instrumento que se move por si mesmo, meio que inventa seus fins, o olho é aquilo que foi sensibilizado por certo impacto do mundo e o restitui

---

<sup>3</sup> CAVACO, Nora. Autismo: da Teoria à Prática. Conhecer e avaliar para intervir numa abordagem interdisciplinar. ALESC-Escola do Legislativo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6kn36rhvP44&t=4246s> Acessado em 27, Ago, 2017.

ao visível pelos traços da mão’(MERLEAU-PONTY, 2004, p. 20), pelo qual o ser se manifesta de maneira plena, de forma que, ninguém ficará imune ao movimento e a criação, basta estar na roda. Ambos serão estímulos para a explosão do potencial de ação e todo movimento interno que dele emana e que nela circula. Basta uma atitude, um desejo ou vontade de realizar e dar o passo que o faça pertencer à roda. Resta então um olhar, um decisivo estímulo para fazer acontecer a verdadeira inclusão plena, e que, é por fim, o pertencer, fazer-se presente, estar visível, tornar-se capaz, aceitar e ser aceito, respeitar e ser respeitado e, simplesmente ser Feliz.

Para GAMBINI in SCOZ, ...seria um grande desafio para a educação do século XXI refletir sobre possibilidades do seguinte tipo: além dos conteúdos curriculares determinados pelo Ministério da Educação, que flexibilidade poderia haver nas escolas para cada professor, sintonizado com aquilo que está constelado no inconsciente grupal, transmitisse exatamente o tipo de conhecimento demandado por aquela situação subjetiva inconsciente? Algo assim nunca foi sequer pensado. Trata-se sem dúvida de uma utopia pedagógica para o século XXI, mas nada nos impede de pensarmos hipoteticamente e de imaginarmos os possíveis efeitos que dessa prática adviriam. Nesse caso, a educação deixaria de ser meramente um canal de transmissão de informações, passando a ser muito mais um processo que favoreceria a individuação do ser humano, atuando positivamente sobre a formação da sensibilidade, do imaginário, da dimensão poética e da criatividade”. (GAMBINI in SCOZ, 2000, p. 106-107).

É trabalhar corpo e mente alma e coração. É proporcionar sensações e despertar sentimentos, produzindo transformações pessoais. Essas transformações, por sua vez, conectam-se a atitudes e pensamentos, e facilitam o entendimento do eu-outro, promovendo ganhos de autoconhecimento. Integrar objetividade e subjetividade por meio de canais criativos, imaginários, divertidos, prazerosos e desafiadores, constrói elos legítimos de segurança e confiança. Reforça atitudes leais de relacionamento e fortalece a relação de afeto entre o eu-outro.

Para GAMBINI in SCOZ,2000);

Na nossa cultura e nossa humanidade, no decorrer da história moderna, acabaram polarizadas: razão e desrazão, consciente e inconsciente, corpo e espírito, normal e anormal...a lista é longa. Há uma cisão porque ainda vivemos esses pólos como entidades antitéticas e portanto separadas. Será que não caberia à educação, no que lhe compete, trabalhar esses opostos com vistas à sua integração tanto na cultura como no indivíduo? Vislumbro portanto uma educação que ouça o não racional, que o valorize e estimule tanto quanto ouve e valoriza o racional, o técnico, o lógico e o pragmático.

A sociabilidade estimulada pelas trocas vivenciadas nessas atividades arteterapêuticas, permitem que o espaço-tempo do eu-outro edifiquem valores na escola e em

suas famílias, ou seja, em suas vidas, individual e coletivamente. Enfim, criar um caminho aonde a educação possa ir além, abraçando o ser na sua totalidade, unidade e inteireza, com suas facilidades e limitações, diferenças e singularidades. Cada um, único e especial como é. Reconhecer essa unidade e poder dialogar com ela, estendendo a mão à transdisciplinaridade, integram o saber e o viver, encantando a todos.

Com isso, a Arteterapia na educação, mostrará um lindo caminhar, onde a luz de todo esse potencial criativo do ser, fortalecerá cada um, em seu aprendizado corporal, emocional e existencial. Ela será luz, a iluminar os corações e mentes, caminhos e escolhas, seguindo-os por todas as etapas da vida.

Como a Arteterapia facilita o ingresso comum a todos, favorece a aceitação das diferenças individuais, já que não se considera importante o nível de experiência pessoal anterior com materiais plásticos. O sentimento de inclusão social pode ser experimentado. Isso é um fator tão importante para a estruturação de uma identidade. (URRUTIGARAY, 2011, p. 88).

É a hora do desabrochar, do despertar. É o momento do estender a mão... para iluminar o caminho, dando voz e vez aos anseios, aos sins e aos não; movimentar o corpo e hastear a bandeira do seu próprio espaço e tempo; permitir que as sementes germinem, os sonhos floresçam e seu próprio caminhar ganhe vida; fortalecer as virtudes e os valores, honrando, respeitando e mostrando que é possível um caminhar na luz, consigo, com o outro e com a humanidade.

Poder ver brotar o ser humano da paz e de amor, onde o criar e a criação serão frutos de sua colheita, cuidadosamente, regada pela coragem, pelo compromisso e pela confiança. O círculo perfeito para a conexão do antes e do depois, entre o passado e o futuro, onde o presente possa ser presença na expressão em arte, de cada um em sua essência, ver crescer uma nova forma de ser humano e de sua humanidade.

#### 4. Inconclusões



Ao pensar na sonata Merleau-Ponty ressalta que para além de qualquer análise, nos salta a memória sensível a experiência do vivido ao ouvir a sonata, o movimento de pensar a Arteterapia como uma possibilidade para uma educação que preze pela inteireza, abre miríades de possibilidade de repensarmos as relações que estabelecemos em nossas vivências diárias.

O (desa)fiio de viver a experiência, é tecer o novo tecido da vida, é pensar e conquistar, sobretudo, caminhos possíveis para esta outra escola possível, com novos tecelões, novas linhas e cores, novos pontos e arremates, num espaço que o ser, o saber e o conviver, ampliando a visão de uma nova construção de ser humano integral, onde o sentir faça parte do aprender a aprender, fortalecendo a trama, com novas dobras e pregas que vão e que vem, bordadas com mãos de luz e amor, respeito e empatia, pensando em si, no outro e na coletividade, possam estar acolhendo cada um em si mesmo, compondo o mesmo tecido, edificando relações verdadeiras e genuínas, fortalecendo além do seu ser, o seu crescer com o outro, dentro e fora da escola, e para uma lugar de afeto, onde a família, também cresça em harmonia, compreensão e amor, em que o diálogo permeie a convivência e perpasse o eu, tocando o outro, formando um lindo tecido de amorosidade, fraternidade e cumplicidade. É abraçar o eu, acolher o outro e viver o todo, todos os dias, apenas sendo e vendo que transformar-se é o próximo ponto dessa linda tecelagem da vida, da coletividade e do SER em sua humanidade.

## **Referências**

### Livro

CAVACO, Nora. Autismo: da Teoria à Prática. Conhecer e avaliar para intervir numa abordagem interdisciplinar. ALESC-Escola do Legislativo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6kn36rhvP44&t=4246s> Acessado em 27, Ago, 2018.

CHIESA, Regina F. O diálogo com o barro: o encontro com o criativo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 23 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MERLEAU-PONTY, M. (1992). O visível e o invisível (A. Gianotti, & A. Mora, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Texto original publicado em 1964)

\_\_\_\_\_. Ciências do Homem e Fenomenologia. (S. T. Muchail, Trad.). São Paulo: Saraiva. (Original de 1951), 1973.

\_\_\_\_\_. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes. (Original de 1945), 1999.

\_\_\_\_\_. A dúvida de Cézanne (P. Neves; M. Pereira, Trad.). São Paulo: Cosac & Naify. (Texto original publicado em 1966), 2004.

\_\_\_\_\_. A prosa do mundo. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. Conversas – 1948 (F. Landa e E. Landa, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1948); 2004.

ORMEZZANO, Graciela (Org). Questões em Arteterapia. Passo Fundo: UPF, 2004.

PAREYSON, L. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCOZ, Beatriz (Org). (Por) Uma Educação com Alma- A objetividade e a subjetividade nos processos de ensino/aprendizagem. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro: Wak, 2011.